

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA

DENISE SARAIVA DE MELO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIOEMOCIONAL DAS CRIANÇAS**

UBERLÂNDIA

2025

DENISE SARAIVA DE MELO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIOEMOCIONAL DAS CRIANÇAS**

Artigo Acadêmico apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Pedagogia.

Orientador: Dr. Guilherme Saramago de Oliveira.

UBERLÂNDIA

2025

DENISE SARAIVA DE MELO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIOEMOCIONAL DAS CRIANÇAS**

Artigo Acadêmico apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Pedagogia.

Banca de avaliação:

Prof. Dr. Guilherme Saramago de Oliveira.

Prof. Dra. Tatiane Daby de Fatima Faria.

Prof. Dra. Josely Alves dos Santos.

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M528 Melo, Denise Saraiva de, 1975-
2025 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA
NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIOEMOCIONAL DAS
CRIANÇAS [recurso eletrônico] / Denise Saraiva de Melo. - 2025.

Orientador: Guilherme Saramago de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em Pedagogia.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.

1. Educação. I. Oliveira, Guilherme Saramago de, 1963-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em
Pedagogia. III. Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

RESUMO

O presente artigo resulta de uma pesquisa bibliográfica que teve como objetivo analisar de que maneira a contação de histórias contribui para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional de crianças na Educação Infantil. A investigação buscou compreender como essa prática pode favorecer a aprendizagem significativa por meio do estímulo à linguagem, imaginação, memória, atenção, empatia e habilidades de convivência. Os estudos analisados demonstram que a contação de histórias atua como uma ferramenta pedagógica eficaz, pois integra aspectos lúdicos e afetivos que promovem o desenvolvimento integral das crianças. Além de ampliar o vocabulário e desenvolver o raciocínio lógico, a escuta de narrativas fortalece vínculos emocionais, promove a expressão de sentimentos e a construção de valores sociais. O educador, nesse processo, desempenha o papel de mediador, sendo responsável por selecionar histórias adequadas e conduzir a interação de maneira intencional e reflexiva, criando um ambiente acolhedor e propício ao aprendizado.

Palavras chave: Contação de histórias; Estratégia pedagógica; Desenvolvimento cognitivo; Desenvolvimento emocional; Educação infantil.

ABSTRACT

This article is the result of a bibliographic research aimed at analyzing how storytelling contributes to the cognitive and socioemotional development of children in Early Childhood Education. The study sought to understand how this practice can foster meaningful learning by stimulating language, imagination, memory, attention, empathy, and social interaction skills. The reviewed literature demonstrates that storytelling is an effective pedagogical tool, as it combines playful and emotional aspects that promote children's holistic development. In addition to expanding vocabulary and developing logical reasoning, listening to stories strengthens emotional bonds, encourages the expression of feelings, and supports the internalization of social values. The educator plays a key role as a mediator, responsible for selecting appropriate stories and guiding intentional and reflective interaction in a welcoming learning environment.

Keywords: Storytelling; Pedagogical strategy; Cognitive development; Emotional development; Early childhood education.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Desenvolvimento	8
2.1 A Contação de Histórias	8
2.2 O Impacto no Desenvolvimento Cognitivo	11
2.3 O Impacto no Desenvolvimento Emocional	13
2.4 Prática de Contação de Histórias na Educação Infantil	16
3. Considerações Finais	18
Referências Bibliográficas	20

1. Introdução

A contação de histórias é uma prática pedagógica tradicional que tem sido amplamente reconhecida por seu potencial no processo de ensino-aprendizagem da Educação Infantil. Mais do que uma atividade recreativa, ela desempenha um papel significativo no desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças, ao promover o contato com valores, emoções, linguagem e imaginação (Sousa *et al.*, 2012). Historicamente presente em diferentes culturas como forma de transmissão de saberes, a narrativa oral, quando inserida de forma intencional no ambiente escolar, torna-se uma ferramenta poderosa para o crescimento integral dos pequenos (Vygotsky, 2007).

Segundo Sousa *et al.* (2012), na prática pedagógica contemporânea, a contação de histórias ultrapassa o simples ato de narrar um enredo, pois envolve estratégias interativas que estimulam a participação ativa das crianças, promovendo a escuta atenta, o pensamento crítico, a criatividade e a expressão emocional. O educador, ao mediar essa atividade, pode explorar os sentimentos dos personagens, propor finais alternativos ou incentivar as crianças a criarem suas próprias histórias, favorecendo assim o desenvolvimento da empatia, da autonomia e da capacidade de resolução de conflitos (Barbosa; De Lourdes Batista, 2018).

Diante dessas possibilidades, este estudo se propõe a investigar: de que maneira a contação de histórias contribui para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional de crianças na Educação Infantil? Com base nessa problemática, definiu-se como objetivo geral analisar como essa prática pode favorecer a ampliação do vocabulário, da criatividade, da concentração e da imaginação, bem como estimular competências socioemocionais como empatia, regulação das emoções e respeito ao outro (Dos Santos; Dias; Del Prette, 2022).

A justificativa para esta pesquisa parte do reconhecimento da Educação Infantil como uma etapa de grande importância para o desenvolvimento integral da criança, pois é nesse período que habilidades cognitivas e socioemocionais começam a ser estruturadas e consolidadas. Segundo Laskos e Maciel (2017), a contação de histórias, além de prazerosa, atua como um agente transformador ao permitir que as crianças se conectem com situações que refletem seus próprios sentimentos e experiências cotidianas, como medo, raiva, amizade e conflitos. Ainda que amplamente praticada nas escolas, a literatura aponta uma lacuna no que se refere à compreensão mais aprofundada dos efeitos da contação de histórias sobre as habilidades socioemocionais das crianças (Dos Santos; Dias; Del Prette, 2022).

A pesquisa aqui desenvolvida caracteriza-se como qualitativa, com metodologia baseada em revisão bibliográfica. Conforme apontam Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa

bibliográfica permite ao pesquisador consolidar uma base teórica sólida por meio da análise crítica de fontes já publicadas, como livros, artigos, dissertações e teses. O levantamento de dados priorizou fontes acadêmicas atualizadas e relevantes, com vistas a garantir a confiabilidade das informações e a coerência teórica da análise, pois a pesquisa bibliográfica necessita de rigor na seleção, leitura e interpretação das fontes, de modo a garantir a validade científica do trabalho e evitar contradições teóricas.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de revisão bibliográfica sistemática, baseada em fontes publicadas entre 2000 e 2024, selecionadas a partir de critérios de relevância e atualidade. As bases de dados consultadas incluem Google Acadêmico, SciELO e Portal CAPES, utilizando os descritores: "contação de histórias", "desenvolvimento infantil" e "habilidades socioemocionais". Assim, este estudo pretende oferecer subsídios teóricos e práticos aos educadores, evidenciando como a contação de histórias pode ser utilizada de forma estratégica para promover o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças, contribuindo para uma educação mais sensível, inclusiva e formadora de cidadãos conscientes e empáticos.

2. Desenvolvimento

2.1 A Contação de Histórias

A contação de histórias não apenas diverte, mas contribui diretamente para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, ao permitir que ela elabore sentimentos, compreenda regras sociais e exerçite a empatia, conforme apontam estudos sobre a formação leitora na infância. Assim como as brincadeiras são linguagem universal da infância, a contação de histórias é um patrimônio cultural que atravessa gerações. Seu valor pedagógico, conforme demonstrado por Baldock (2006), reside na capacidade de ativar múltiplas áreas cerebrais simultaneamente: enquanto a narrativa estimula o córtex pré-frontal, que é responsável pela atenção, a identificação com personagens ativa a amígdala, responsável pelo processamento emocional.

Segundo Torres e Tettamanzy (2008, p. 2), “o ato de contar histórias remete a um tempo em que o homem confiava na memória e nas experiências, resgatando qualidades essenciais para o desenvolvimento humano”. Embora sua função mais imediata seja o entretenimento, as histórias também possuem um caráter educativo, pois permitem que as

crianças estabeleçam conexões com o mundo ao seu redor, exercitem a imaginação, aprimorem a linguagem e desenvolvam o pensamento crítico (Morgan, 1997).

Historicamente, a contação de histórias tem raízes profundas nas tradições orais de diversas culturas. Morgan (1997) destaca que, ao longo dos séculos, essa prática foi uma das principais formas de transmitir conhecimento, valores e normas sociais, especialmente em sociedades onde a escrita não era amplamente difundida. Em civilizações antigas, como as gregas e as africanas, as histórias eram usadas para preservar mitos, histórias e ensinamentos, servindo como um meio de educar as novas gerações (Torres; Tettamanzy, 2008). Com o tempo, essa prática foi incorporada ao contexto escolar, tornando-se uma estratégia pedagógica essencial na educação infantil, onde contribui para o desenvolvimento integral das crianças, desde a linguagem até a compreensão das emoções e das relações sociais (Baldock, 2006).

Na educação infantil, a contação de histórias fortalece habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Torres e Tettamanzy (2008) argumentam que

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância de vida (Torres; Tettamanzy, 2008, p. 3).

De acordo com Cremin (2017), ao ouvir ou participar de narrativas, as crianças são desafiadas a organizar informações, compreender sequências lógicas e identificar-se com personagens e situações. Dessa forma, histórias bem contadas facilitam a reflexão sobre valores e dilemas humanos, ajudando as crianças a compreender e lidar com suas próprias emoções.

Para que a experiência seja eficaz, o educador precisa atuar como mediador ativo, adaptando a narrativa de acordo com a faixa etária e os interesses dos alunos. Segundo Pereira (2017), esse papel exige não apenas a escolha de histórias adequadas ao nível de compreensão das crianças, mas também a utilização de estratégias que tornem a experiência mais envolvente e interativa. Uma abordagem eficaz é a incorporação de recursos multimodais, como variação de entonação, expressões faciais, gestos amplos e materiais

visuais, que ajudam a prender a atenção dos pequenos e facilitam a compreensão do enredo (Laskos; Maciel, 2017).

Um exemplo é relacionado ao contar a história de Os Três Porquinhos, o professor pode recorrer ao uso de fantoches para representar os personagens, tornando a narrativa mais concreta e acessível. Além disso, pode explorar a sonoridade da história, convidando as crianças a imitarem o barulho do vento soprando as casas ou os diferentes tons de voz do lobo e dos porquinhos, estimulando a percepção auditiva e a participação ativa. Outra estratégia é incentivar a dramatização, permitindo que as crianças representem os personagens e recriem diálogos, o que não apenas reforça a compreensão da trama, mas também trabalha a expressão corporal, a confiança e a cooperação entre os alunos (Pereira, 2017).

Para tornar a experiência ainda mais rica e significativa, o educador pode propor atividades complementares que ampliem o envolvimento das crianças com a narrativa, estimulando não apenas a criatividade, mas também a capacidade de análise e reflexão. Uma estratégia eficaz é incentivar os alunos a criarem finais alternativos para a história, seja por meio de desenhos, dramatizações ou recontos orais, visto que essa abordagem estimula a imaginação, promove a autoria e convida a criança a assumir um papel ativo na construção do enredo (Flaviano *et al.*, 2017).

Além disso, o professor pode conduzir rodas de conversa em que as ações dos personagens sejam debatidas de forma crítica, levando os alunos a refletirem sobre valores como empatia, persistência, responsabilidade e trabalho em equipe. Ao serem incentivadas a opinar, argumentar e confrontar diferentes perspectivas, as crianças desenvolvem habilidades importantes de escuta, diálogo e pensamento crítico. Para Cremin (2017), questionamentos bem conduzidos durante e após a contação de histórias favorecem a internalização das mensagens simbólicas presentes nas narrativas, possibilitando que as crianças estabeleçam conexões entre os conflitos fictícios e suas vivências pessoais.

A contação de histórias, quando conduzida de maneira interativa, vai além da simples transmissão de um enredo, pois se torna um instrumento poderoso para o desenvolvimento da linguagem, da socialização e da inteligência emocional (Laskos; Maciel, 2017) O educador, ao desempenhar um papel ativo na mediação dessa experiência, possibilita que as crianças não apenas ouçam uma história, mas vivam-na, compreendam suas mensagens e construam conexões significativas que contribuirão para sua formação cognitiva e socioemocional. Dessa forma, a contação de histórias se consolida como um recurso essencial no ambiente

escolar, promovendo um aprendizado dinâmico, prazeroso e profundamente enriquecedor (Flaviano *et al.*, 2017).

2.2 O Impacto no Desenvolvimento Cognitivo

A contação de histórias exerce influência direta no desenvolvimento cognitivo infantil, funcionando como um catalisador para múltiplas habilidades intelectuais, pois dentre os benefícios mais notáveis estão o enriquecimento da linguagem, o fortalecimento da memória, o desenvolvimento do raciocínio lógico e a estimulação da criatividade. Alves (2021) defende que ao mergulhar em narrativas bem estruturadas, a criança não apenas amplia seu vocabulário, mas também exercita a capacidade de organizar pensamentos, estabelecer conexões e compreender a lógica subjacente aos acontecimentos.

Durante a escuta de histórias, a criança é exposta a palavras, expressões e estruturas sintáticas variadas, que contribuem para a ampliação de seu repertório linguístico de forma contextualizada. Na visão de Flaviano (2017), esse contato regular com narrativas promove a internalização natural da linguagem oral e escrita, facilitando a alfabetização e melhorando a qualidade da comunicação. O autor ainda destaca que a linguagem, nesse contexto, é adquirida de forma viva, funcional e afetiva — o que se torna ainda mais eficaz quando a mediação pedagógica é sensível e intencional.

Além da linguagem, a contação de histórias também favorece o desenvolvimento da memória e da atenção. A necessidade de acompanhar a sequência dos acontecimentos, identificar personagens e relembrar detalhes do enredo exige das crianças uma retenção ativa de informações. Cardoso e Faria (2016) apontam que essa prática melhora tanto a memória de curto quanto a de longo prazo, visto que as informações são organizadas de forma lógica e emocionalmente significativa. Vygotsky (2007), por sua vez, afirma que as funções mentais superiores, como a memória e a atenção, se desenvolvem a partir da mediação social — sendo a narrativa oral uma poderosa ferramenta nesse processo.

Outro aspecto importante é a contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento do raciocínio lógico. As narrativas apresentam uma estrutura com começo, meio e fim, e frequentemente envolvem problemas a serem resolvidos, escolhas a serem feitas e consequências a serem enfrentadas. E para Cardoso e Faria (2016), isso favorece a compreensão das relações de causa e efeito, bem como a habilidade de antecipar desfechos e interpretar intenções dos personagens. Inhelder e Piaget (2003) destacam que essa

organização sequencial das experiências é essencial para o amadurecimento do pensamento lógico, que, por sua vez, é transferido para outras esferas do aprendizado, como a matemática e a resolução de problemas.

A dimensão criativa também é significativamente estimulada durante o contato com histórias. Ao imaginar cenários, criaturas fantásticas ou situações inusitadas, a criança desenvolve sua capacidade de abstração, de criar novas realidades mentais e de projetar soluções fora do óbvio. Goswami (2015) ressalta que a imaginação é um componente central do desenvolvimento cognitivo, pois permite à criança operar com hipóteses e explorar o mundo simbólico. Quando o educador incentiva a criação de finais alternativos, dramatizações ou recontos pessoais, amplia ainda mais esse campo da criatividade e promove o protagonismo infantil.

É importante destacar que o processo de identificação com personagens e conflitos narrativos desempenha um papel central no desenvolvimento da empatia e da flexibilidade cognitiva. Goswami (2015) reforça que ao vivenciar, ainda que simbolicamente, os dilemas, desafios e emoções presentes nas histórias, a criança aprende a compreender diferentes perspectivas, exercitando sua capacidade de se colocar no lugar do outro — uma competência essencial para a vida em sociedade. Essa vivência simbólica, como afirmam Barbosa e De Lourdes Batista (2018), favorece a construção de vínculos afetivos com os personagens, permitindo a internalização de valores humanos universais, como solidariedade, justiça, coragem e respeito às diferenças.

Essa experiência narrativa amplia não apenas o repertório emocional da criança, mas também sua consciência moral e ética. Ao refletir sobre as decisões tomadas pelos personagens e suas consequências, a criança começa a construir critérios próprios para julgar atitudes, o que fortalece a autonomia intelectual e o senso de responsabilidade. Para Vygotsky (2007), essas interações simbólicas são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento superior, pois ocorrem em um contexto de mediação cultural e social que dá sentido às experiências.

Além disso, ao acompanhar histórias com diferentes contextos culturais, sociais e históricos, a criança é exposta a realidades diversas, o que contribui para o desenvolvimento de uma visão de mundo mais ampla e plural. Essa abertura ao novo, segundo Goswami (2015), estimula a imaginação e a empatia, permitindo que as crianças desconstruam estereótipos e preconceitos de forma lúdica e significativa. A contação de histórias, nesse

sentido, torna-se um espaço de diálogo com o outro, de escuta ativa e de valorização da diversidade.

Assim, a contação de histórias se consolida como uma prática pedagógica completa, que vai muito além do entretenimento, pois integra linguagem, emoção, ética e cognição em uma experiência rica e transformadora. Os autores Barbosa e De Lourdes Batista (2018) e Vygotsky (2007) esclarecem que quando bem explorada no ambiente escolar, torna-se um instrumento potente para o desenvolvimento integral da criança, promovendo aprendizagens significativas, fortalecendo vínculos afetivos e contribuindo para a formação de sujeitos críticos, criativos e empáticos.

2.3 O Impacto no Desenvolvimento Emocional

A contação de histórias desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional das crianças, auxiliando-as a compreender e expressar suas emoções, desenvolver empatia e estabelecer relações sociais saudáveis. De acordo com Da Silva Leite (2012), as narrativas infantis são um meio eficaz para trabalhar as emoções, permitindo que as crianças se identifiquem com os personagens e vivenciam, de forma simbólica, situações que refletem seus próprios sentimentos e conflitos. O autor define que

A emoção é o primeiro e mais forte vínculo que se estabelece entre o sujeito e as pessoas do ambiente, constituindo as manifestações iniciais de estados subjetivos, com componentes orgânicos. Apresenta três propriedades: a) contagiosidade – a capacidade de contaminar o outro; b) plasticidade – a capacidade de refletir sobre o corpo os seus sinais; c) regressividade – a capacidade de regredir as atividades ao raciocínio (Da Silva Leite, 2012, p. 7).

Segundo Abramovich (1997), a criança escuta com todo o corpo. Isso pode ser observado em sala de aula quando, ao ouvir histórias, muitas demonstram expressões faciais, gestos e até movimentos corporais que revelam envolvimento emocional com a narrativa. Ao se identificarem com os personagens das histórias, as crianças não apenas acompanham os enredos de forma passiva, mas vivenciam simbolicamente os sentimentos, dilemas e experiências apresentados, o que favorece o reconhecimento e a compreensão das emoções alheias.

Esse envolvimento emocional com as narrativas proporciona um terreno fértil para o desenvolvimento da empatia — a capacidade de se colocar no lugar do outro e compreender

suas emoções, desejos e intenções. Segundo Inhelder e Piaget (2003), essa competência socioemocional é fundamental para a construção de relações interpessoais equilibradas, pois permite que a criança desenvolva atitudes de cooperação, respeito e solidariedade no convívio com os demais.

Histórias que exploram temas como amizade, solidariedade, superação de adversidades, perdão ou reconciliação atuam como verdadeiros espelhos simbólicos que refletem as complexidades das relações humanas. Ao acompanhar as decisões, sentimentos e transformações dos personagens, as crianças são levadas a considerar diferentes pontos de vista e a compreender os motivos por trás das ações dos outros. Inhelder e Piaget (2003) defendem que essa imersão narrativa contribui para ampliar sua capacidade de interpretar emoções e responder a elas de forma ética e sensível. Benabbes e Taleb (2023) ressaltam que, ao acessar esses conteúdos por meio da fantasia, a criança entra em contato com aspectos profundos da natureza humana de forma acessível e segura, fortalecendo sua conexão emocional com o mundo ao seu redor e promovendo o amadurecimento afetivo.

Além de despertar emoções e promover empatia, as histórias oferecem modelos simbólicos e funcionais para a resolução de conflitos e o desenvolvimento de habilidades sociais na infância. Ao acompanhar os personagens em suas trajetórias de superação, escolha e enfrentamento de dilemas, as crianças internalizam comportamentos e estratégias que as ajudam a lidar com desafios reais. Da Silva Leite (2012) destaca que as narrativas que envolvem situações de conflito — como rivalidade, perda, injustiça ou exclusão — promovem a reflexão sobre as próprias vivências infantis, ao mesmo tempo em que incentivam a construção de respostas mais maduras e conscientes diante de situações similares.

A contação de histórias permite, assim, que as crianças se vejam representadas nos enredos e passem a compreender que sentimentos como medo, tristeza ou raiva são naturais e podem ser transformados. Segundo Benabbes e Taleb (2023), ao lidar simbolicamente com conteúdos emocionais profundos por meio dos contos de fadas, a criança encontra uma via segura para nomear e elaborar seus conflitos internos. O autor argumenta que essas narrativas não apenas distraem, mas “ajudam a criança a encontrar sentido para a vida e a lidar com as ansiedades e tensões que fazem parte do crescimento”.

Nesse sentido, narrativas como João e o Pé de Feijão, que ilustram coragem e persistência, funcionam como metáforas para o enfrentamento de desafios cotidianos, como lidar com a separação dos pais ou com mudanças escolares. Por outro lado, histórias como O

Patinho Feio trazem à tona sentimentos de rejeição e solidão, ao mesmo tempo em que apresentam a possibilidade de superação e autoaceitação — fatores essenciais na formação da autoestima infantil. Como observam Cardoso e Faria (2016), ao se espelharem nesses personagens, as crianças aprendem a lidar com frustrações e passam a perceber que o crescimento pessoal também envolve erros, inseguranças e transformação.

Além disso, histórias como *A Festa no Céu*, que tratam da inclusão e da igualdade de oportunidades, contribuem para a construção de valores éticos e sociais. Abramovich (1997) ressalta que a literatura infantil tem o poder de apresentar mundos diferentes e ampliar o repertório de valores da criança, ao colocar em cena situações que envolvem respeito à diversidade, convivência com o outro e aceitação das diferenças. Essas experiências literárias provocam, segundo a autora, uma “formação afetiva e estética” que ultrapassa o plano do conteúdo e atinge o emocional e o social.

Com base nisso, pode-se afirmar que a contação de histórias vai além da transmissão de enredos: ela atua como prática pedagógica afetiva, que colabora para o desenvolvimento integral da criança. Alves (2021) reforça essa perspectiva ao indicar que o ato de contar histórias em espaços educativos propicia o desenvolvimento de atitudes como escuta, cooperação e resolução de conflitos de maneira mais empática e criativa. Assim, o contato com narrativas literárias diversas contribui significativamente para a formação emocional, social e ética das crianças na educação infantil.

A contação de histórias exerce um papel fundamental no favorecimento do autoconhecimento e na expressão das emoções infantis. Ao refletirem sobre as vivências emocionais dos personagens, as crianças passam a reconhecer, nomear e compreender melhor seus próprios sentimentos. Vygotsky (2007) destaca que a linguagem é uma ferramenta mediadora essencial no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, incluindo a regulação emocional. Nesse sentido, as narrativas infantis oferecem um repertório simbólico e linguístico que auxilia a criança a dar significado ao que sente e vivencia.

Na visão de Cardoso e Faria (2016), ao escutar e interpretar histórias, a criança projeta suas emoções nos personagens, promovendo uma identificação que facilita o processo de expressão e elaboração emocional. Atividades como dramatizações, ilustrações ou recontagens orais da história ampliam essa experiência expressiva, pois permitem à criança se apropriar da narrativa e reinterpretá-la à luz de sua própria realidade, como destacam Alves (2021) e Barbosa e De Lourdes Batista (2018).

Esse processo é intensificado quando o educador media a escuta ativa, propondo reflexões sobre as atitudes e sentimentos dos personagens e incentivando as crianças a relacionarem essas experiências com suas próprias vivências. Para Da Silva Leite (2012), essa mediação favorece o fortalecimento da inteligência emocional, preparando as crianças para lidar com conflitos e desafios cotidianos de maneira mais equilibrada e consciente.

Paralelamente ao desenvolvimento emocional, a contação de histórias também contribui significativamente para a formação ética e moral das crianças. Ao entrarem em contato com narrativas que abordam temas como justiça, solidariedade, respeito e honestidade, os pequenos iniciam um processo reflexivo sobre os valores que regem a convivência social. Piaget (2003) defende que a construção da moral infantil se dá por meio da interação com o outro e da internalização de normas, o que se realiza de forma simbólica nas histórias, especialmente quando elas apresentam dilemas morais e suas consequências.

Nesse contexto, Benabbes e Taleb (2023) argumentam que os contos de fadas, ao tratarem de conflitos universais com profundidade simbólica, funcionam como guias para o enfrentamento de angústias internas, ao mesmo tempo em que promovem a assimilação de valores éticos fundamentais. A literatura infantil, portanto, ao articular emoção, linguagem e valores, torna-se uma poderosa ferramenta pedagógica para o desenvolvimento integral da criança — emocional, social, moral e cognitivo.

2.4 Prática de Contação de Histórias na Educação Infantil

A contação de histórias na educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e deve ser planejada de maneira cuidadosa e intencional, levando em consideração as necessidades individuais e as fases de desenvolvimento dos pequenos. O contador de histórias exerce um papel fundamental como elo entre a narrativa e a criança, sendo responsável por despertar o interesse e a imaginação dos pequenos. Por meio de sua atuação expressiva, ele conduz os ouvintes ao universo lúdico da fantasia, provocando emoções, incentivando sonhos e tornando o momento da história uma vivência envolvente e significativa, tanto que Abramovich (1997) afirma que

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com jeito de escrever do autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de

ser, outra ética, outra ótica... É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (Abramovich, 1997, p.17).

Para que a experiência da contação de histórias na educação infantil seja verdadeiramente significativa, é essencial que o educador adote estratégias pedagógicas que estimulem a participação ativa das crianças, transformando esse momento em uma vivência rica e formadora. Conforme orienta o Ministério da Educação (BRASIL, 2013b), a contação deve ir além da simples leitura ou narração, promovendo interações que favoreçam o engajamento, a construção de sentido e o desenvolvimento integral da criança.

Nesse contexto, Alves (2021) enfatiza que o uso de recursos multimodais — como modulação da voz, expressões faciais, linguagem corporal e a inclusão de objetos visuais, como fantoches, ilustrações e adereços — contribui de forma significativa para tornar a narrativa mais atrativa e compreensível para os pequenos. Esses recursos não apenas prendem a atenção da criança, como também facilitam a assimilação dos conteúdos simbólicos e emocionais da história.

Abramovich (1997) corrobora essa perspectiva ao afirmar que o ato de contar histórias deve ser prazeroso, envolvente e sensível, permitindo que a criança mergulhe na fantasia de maneira lúdica e afetiva. Para Cremin *et al.* (2017) destacam a importância da interação durante a contação: fazer perguntas, estimular previsões e convidar as crianças a participarem ativamente do enredo são estratégias que favorecem o pensamento crítico, a imaginação e o desenvolvimento da linguagem oral.

A escolha das histórias a serem contadas na educação infantil deve ser feita com critério, levando em consideração a faixa etária, os interesses e o estágio de desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. De acordo com Baldock (2006), é fundamental que o educador considere não apenas a adequação da narrativa à idade, mas também os aspectos emocionais e culturais que possam dialogar com o universo das crianças, promovendo identificação e significação. Para os pequenos, histórias com tramas simples, linguagem acessível e personagens marcantes são mais eficazes, enquanto os mais velhos já podem ser desafiados com enredos mais elaborados que estimulem a reflexão crítica sobre questões sociais e emocionais. Além disso, ao abordar temas como amizade, diversidade, superação e empatia, o educador amplia as possibilidades de construção de valores e formação ética, como destaca Cardoso e Faria (2016).

A contação torna-se ainda mais rica quando integrada a outras atividades pedagógicas, como dramatizações, artes visuais e música. Conforme Flaviano *et al.* (2017), essas atividades complementares proporcionam às crianças diferentes formas de explorar a narrativa, estimulando a criatividade, a expressão corporal e o desenvolvimento de múltiplas linguagens. Após ouvir uma história, por exemplo, os alunos podem ser incentivados a desenhar cenas marcantes, criar finais alternativos ou encenar os acontecimentos com o uso de fantoches, o que contribui para o fortalecimento da memória, da oralidade e da socialização.

Nesse processo, o papel do educador é essencial, atuando como mediador entre o texto narrado e a experiência vivida pelas crianças. Para Torres e Tettamanzy (2008), o contador de histórias deve estar atento às reações do grupo, adaptando o tom de voz, o ritmo e os gestos conforme necessários, de modo a manter o interesse e a participação dos ouvintes. Essa escuta sensível permite uma contação mais interativa e responsiva, na qual o educador reconhece as necessidades do grupo e potencializa o envolvimento afetivo com a narrativa.

Dessa forma, a contação de histórias na educação infantil deve ser compreendida como uma prática intencional e planejada, que envolve a escolha criteriosa das histórias, a articulação com outras linguagens pedagógicas e a mediação ativa e sensível do educador. Quando bem conduzida, essa prática não só favorece o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, mas também contribui para a formação de sujeitos mais empáticos, criativos e socialmente engajados.

3. Considerações Finais

Este estudo teve como ponto de partida o seguinte problema: *De que forma a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil?* Ao longo da pesquisa, buscou-se compreender como essa prática, tradicionalmente associada ao entretenimento, pode atuar como um instrumento pedagógico relevante na construção de competências cognitivas, sócio emocionais e éticas na primeira infância.

A contação de histórias revelou-se como uma estratégia educativa de grande valor, pois contribui para o enriquecimento da linguagem oral e escrita, estimula a criatividade, desenvolve o pensamento simbólico e amplia o vocabulário das crianças. Além disso, favorece o raciocínio lógico e promove o desenvolvimento de competências socioemocionais,

como o reconhecimento e a regulação das emoções, a empatia e a construção de vínculos interpessoais mais conscientes e sensíveis. Autores como Vygotsky (2007), Abramovich (1997) e Piaget (2003) fundamentam a importância dessa prática no processo de desenvolvimento infantil, reforçando sua dimensão formativa e transformadora.

O papel do educador é central nesse processo, pois ele atua como mediador ativo, responsável por transformar o ato de narrar em uma experiência significativa, utilizando recursos multimodais — como modulação da voz, gestos, expressões faciais, fantoches, dramatizações e materiais visuais — que tornam a narrativa mais envolvente. A escolha criteriosa das histórias, levando em consideração a faixa etária, os interesses e o contexto sociocultural das crianças, potencializa os efeitos da contação, promovendo uma aprendizagem contextualizada e relevante.

Além dos aspectos cognitivos e emocionais, a contação de histórias também contribui para a formação ética e a construção da identidade das crianças. Ao apresentar temas como solidariedade, respeito à diversidade, justiça e superação, as histórias despertam a reflexão crítica e incentivam a internalização de valores sociais. Essa dimensão ética transforma a narrativa em um espaço privilegiado de exercício da cidadania, promovendo a humanização e o desenvolvimento de uma consciência social desde os primeiros anos de vida.

Diante da amplitude de benefícios identificados, conclui-se que a contação de histórias deve ser integrada de forma planejada, sistemática e intencional ao currículo da Educação Infantil. Para isso, é necessário investir na formação continuada dos profissionais da educação, capacitando-os para explorar todas as potencialidades dessa prática. Além disso, recomenda-se o estímulo à realização de novas pesquisas que aprofundem a análise da contação de histórias em contextos diversos, como a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais e o uso de recursos tecnológicos como suporte narrativo.

Em suma, este trabalho confirma que a contação de histórias, quando bem fundamentada e mediada com intencionalidade pedagógica, é uma prática essencial na Educação Infantil. Ao criar um ambiente de aprendizagem lúdico, afetivo e reflexivo, ela contribui de forma efetiva para a formação de sujeitos críticos, criativos, empáticos e preparados para os desafios sociais e emocionais do século XXI.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. Editora Scipione, 1997.
- ALVES, A. M. M. O. **A importância da contação de histórias na educação infantil**. 2021. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos, 2021.
- BALDOCK, P. **The place of narrative in the early years curriculum: How the tale unfolds**. Routledge, 2006. <https://doi.org/10.4324/9780203969526>
- BARBOSA, R. G.; DE LOURDES BATISTA, I. Vygotsky: um referencial para analisar a aprendizagem e a criatividade no ensino da Física. **Revista Brasileira de pesquisa em Educação em Ciências**, p. 49-67, 2018. <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec201818149>
- BENABBES, S.; TALEB, H. A. A effect of storytelling on the development of language and social skills in French as a foreign language classrooms. **Heliyon**, v. 10, n. 8, 2024. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e29178>
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013b.
- CARDOSO, A. L. S; FARIA, M. A. A contação de histórias no desenvolvimento da educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 7, n. 1, 2016.
- CREMIN, T. *et al.* **Storytelling in early childhood**. Abingdon: Routledge, 2017. <https://doi.org/10.4324/9781315679426>
- DA SILVA LEITE, S. A. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. <https://doi.org/10.9788/TP2012.2-06>
- DOS SANTOS, J. P.; DIAS, T. P.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais educativas de uma professora na contação de histórias para pré-escolares. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 13, p. 01-15, 2022. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2022.v13.46453>
- FLAVIANO, S. L. L *et al.* A influência da contação de histórias na educação infantil. **Revista Mediação (ISSN 1980-556X)**, v. 12, n. 1, p. 30-48, 2017.
- GOSWAMI, U. Children's cognitive development and learning. **Cambridge: Cambridge Primary Review Trust**, 2015. Disponível em: <<https://cprtrust.org.uk/wp-content/uploads/2015/02/COMPLETE-REPORT-Goswami-Childrens-Cognitive-Development-and-Learning.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2025.
- INHELDER, B.; PIAGET, J. A psicologia da criança. **Rio de Janeiro: Difel**, 2003.
- LASKOS, K.; MACIEL, M. E. Contação de História na Educação Infantil: O Despertar da Imaginação. Trabalhos de Conclusão de Curso - Faculdade Sant'Ana, 2017.

MORGAN, D. L. Punished by Rewards: The Trouble With Gold Stars, Incentive Plans, A's, Praise, and Other Bribes. **Journal of Teacher Education**, v. 48, n. 2, p. 150-155, 1997. <https://doi.org/10.1177/0022487197048002009>

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

PEREIRA, Pamela Cristina de Souza. **Contação de história na Educação Infantil**. Eventos Pedagógicos, v. 8, n. 2, p. 935-950, 2017. <https://doi.org/10.30681/reps.v8i2.10009>

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

SOUZA, E. M. *et al.* A importância das atividades lúdicas: uma proposta para o ensino de Ciências. **VII CONNEPI**, p. 21-23, 2012.

TORRES, S. M.; TETTAMANZY, A. L. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Nau literária**, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/5844>. Acesso em: 10 dez. 2024. <https://doi.org/10.22456/1981-4526.5844>

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.